

A + B (12 set. 1886)*

A. – Você já viu nada¹ mais curioso que este tempo?

B. – Que tempo?

A. – O tempo, – o tempo² escuro, o tempo claro, ventoso, chuvoso, caloroso...

B. – É o seu ofício. Mais esquisito me parece o general Santos,³ que ora agoniza, ora despacha; há poucas horas estava com um pé na sepultura; há meia hora retificou⁴ um decreto.

A. – Pois tudo isso é do tempo. Também há poucos dias estavam uns oitocentos contos muito caladinhos, na tesouraria de fazenda de Pernambuco;⁵ vai senão quando

* Esta edição foi preparada a partir da consulta às seguintes fontes: GN (ano XII, n. 255, p. 1, 12 set. 1886), DRR (p. 21-24) e OCA2008 (v. 4, p. 659-660). Texto-base: GN. A lista das abreviaturas empregadas nesta edição encontra-se ao final do texto editado. Editores: Gilson Santos e José Américo Miranda.

¹ nada: entenda-se “alguma coisa”. (HOUAISS, 2001, p. 1991, verbete: *nada*.) Cândido Jucá (filho), no seu *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*, afirma que “nada”, “às vezes significa ‘algo’, em perguntas” (JUCÁ (filho), 1968, verbete *nada*).

² O tempo, – o tempo] O tempo, o tempo – em OCA2008.

³ O general Máximo Santos, presidente do Uruguai de 1882 a 1886, frequentava os jornais nas semanas anteriores à publicação desta crônica, por ter sido vítima de um atentado. O vaivém de seu estado de saúde pode ser acompanhado no noticiário e nos telegramas (de Montevidéu e de Buenos Aires) publicados na *Gazeta de Notícias* nos dias 19, 20, 25, 26, 29, 30, 31 de agosto e no dia 5 de setembro. Notícia do dia 8 de setembro, intitulada “Estado Oriental”, diz o seguinte: “Segundo afirma a *Nación*, de Montevidéu, órgão do governo, o estado de saúde do general Santos é cada vez melhor, podendo já o general receber os seus ministros, deputados e representantes dos governos estrangeiros. / A *Itália*, porém, e outros jornais continuam a afirmar que o governo está acéfalo, pois que o general está impossibilitado de governar, sendo necessário que a câmara trate de lhe nomear sucessor interino. / As notícias sobre o estado de saúde do general continuam, pois, a ser contraditórias.” Por fim, em 12 de setembro (data em que esta crônica foi publicada), a *Gazeta de Notícias* trazia o seguinte telegrama de Montevidéu (11 de setembro): “O general Máximo Santos, presidente da república, deu hoje um passeio de carro nas ruas da cidade.”

⁴ retificou] ratificou – em DRR e em OCA2008.

⁵ tesouraria de fazenda de Pernambuco] tesouraria da fazenda de Pernambuco – em DRR; tesouraria da Fazenda de Pernambuco – em OCA2008. Esse é outro assunto que estava nos jornais naquela semana: a própria *Gazeta de Notícias*, no dia 10 daquele mês, na seção de “Telegramas”, sob o título de “Roubo na tesouraria”, trazia: “Pernambuco, 9 de setembro. / Encontraram-se vazios, esta manhã, os cofres da tesouraria de fazenda provincial. / A polícia foi chamada imediatamente e procede a exame, a fim de

pegam em si e abandonam a caixa, sem deixar a menor notícia do destino; – um bilhete que fosse, –⁶ um bilhete de quinhentos réis, que podia ficar muito quieto e explicar-se com a polícia. “Os meus colegas, diria esse gracioso infante, saíram daqui⁷ com intenção de evitar, embora por caminhos mais longos e tortuosos, a estrada do imposto⁸ por exemplo, que é comprida como todos os diabos. Não voltarão todos juntos, nem no mesmo ano; mas, se é verdade que Roma não se fez num dia, também é certo que não se desfez num ano. Foi o que eles me disseram.”

B. – Não creia que eles fizessem isso; bilhete pernambucano não imitaria assim o caso do consulado português,⁹ onde uma libra disse a mesma coisa aos poderes públicos, quando desapareceu dali uma quantia grossa...

A. – Era esterlina?

B. – Esterlina.

A. – Ah! as libras esterlinas são muito sinceras. Eu creio mais em uma libra esterlina, quando é mesmo esterlina, do que em cinco mil-réis;¹⁰ mas no caso presente era apenas dar um recado...

B. – Isso, mas era imitar; e você sabe... a guerra dos mascates...¹¹ Veja, por exemplo, o caso do English Bank; aí não houve a menor hesitação, justamente por não ser o bilhete pernambucano, mas a nossa boa libra amiga...¹²

descobrir os meios de que se serviram os ladrões para a realização do atentado.” O valor exato roubado foi noticiado de maneiras diversas, em diferentes notícias, e havia, também, a informação de que algumas cédulas foram deixadas para trás pelo ladrão. Machado de Assis, portanto, parece ter “ficcionalizado”, para sua conveniência, não apenas o apólogo das cédulas, mas a própria notícia.

⁶ – um bilhete que fosse, –] um bilhete que fosse, (sem os travessões) – em OCA2008.

⁷ “Os meus colegas, diria esse gracioso infante, saíram daqui] “Os meus colegas”, diria esse gracioso infante, “saíram daqui – em OCA2008.

⁸ imposto] imposto, – em DRR e em OCA2008.

⁹ O roubo no consulado português parece ter acontecido nos primeiros meses de 1885, ou mesmo em 1884. A imprensa foi relativamente discreta diante do caso, por se tratar de crime ocorrido em território estrangeiro, em que as pessoas tinham imunidade diplomática. A *Gazeta de Notícias* tratou do acontecimento em 13 de agosto de 1885, afirmando que o caso ocorrera meses antes e que só o discutia naquela data porque “o 2º promotor público julgou que estava no seu direito, dando queixa-crime contra o Sr. cônsul-geral de Portugal (...)” Com isso, o acontecimento passava de estrangeiro a nacional.

¹⁰ Na cotação (corrente) da época (1886), 1 (uma) libra esterlina equivalia a, aproximadamente, 12,89 mil-réis. (Cf. MOURA FILHO, 2010, p. 34)

¹¹ A expressão “guerra dos mascates”, neste contexto, parece estar relacionada ao sistema de cotação das moedas (a libra esterlina e o mil-réis) nos mercados internacionais (atividade própria do mundo das finanças); a associação se justifica, porque o roubo na tesouraria, como a Guerra dos Mascates (1710-1711), ocorreu em Pernambuco. A lembrança da Guerra dos Mascates, nesta passagem, parece, também, associada à vitória, naquele evento histórico, do poder financeiro (os mascates, ricos comerciantes portugueses residentes em Recife) sobre o setor produtivo (elite rural pernambucana, residente em Olinda). Para Sidney Chaloub, a referência ao episódio histórico do início do século XVIII foi um “modo engenhoso de voltar ao mote do interesse provincial.” Diz ainda esse autor: “Esses localismos

A. – Ficou alguma?

B. – Tudo estava acabado, morto, esquecido, creio que já lançado a lucros e perdas, quando reapareceu uma pessoa e disse: “Vamos ver como se passou este negócio.”¹³

A. – Parece-lhe então que voltarão todas?

B. – Não digo¹⁴ tanto; algumas até já terão voltado, em depósitos, letras, cambiais e... A pessoa que voltou quer saber como a descoberta se passou e, se é verdade que o Banco *n'avait oublié qu'un point...*

A. – *C'était d'allumer sa lanterne?*¹⁵

B. – Acertou. É incrível como você ainda não esqueceu esses e outros adminículos¹⁶ do fabulista...

A. – Ah! meu amigo, as fábulas são ainda agora as cousas mais verdadeiras desse mundo e do outro; o próprio Deus algumas vezes falou por parábolas. Com que então, o Banco esqueceu o principal do negócio?

B. – Justamente; e é por aí que vai a gata aos filhos.

A. – Cá está outro petisco. Parece que se descobriu que o testamento de Custódio Bíblia...¹⁷

todos, pujantes diante da desvalorização do ‘nacional’, ficavam simbolizados na fraqueza da moeda do país diante da libra esterlina, o numerário do imperialismo e da dívida – isto é, da dependência – externa.” (CHALHOUB, 2005, p. 80)

¹² O desfalque no English Bank ocorrera em 27 de fevereiro daquele ano. No *Diário de Notícias* de 28 de fevereiro de 1886 (p. 1) lê-se: “Ontem foi o comércio desagradavelmente surpreendido com a notícia de que se havia descoberto na caixa do English Bank um grande desfalque, atribuído ao pagador, Inácio Marques de Gouveia (...). / Sendo necessário abrir-se o cofre do pagador, e não aparecendo nem este nem as chaves, arrombou-se o cofre, mas sem haver ainda suspeitas do extravio. Só quando se começou a contar o dinheiro se verificou que os maços de notas, que deviam ser de 1.000\$, eram fingidos com uma nota de 100\$ cobrindo uma porção de notas de 500 rs e 1\$ formando volume capaz de iludir numa conferência como em geral se faz, sem desmanchar os maços de notas.” A “hesitação” a que se refere o cronista parece estar relacionada ao fato de o desfalque na tesouraria de Pernambuco ter sido tomado, inicialmente, por roubo – dúvida que não houve no caso do English Bank. Ver o início da crônica seguinte a esta, “A + B (16 set. 1886)”, assim como sua nota n. 1.

¹³ Não conseguimos apurar como foi feita a investigação interna no English Bank.

¹⁴ digo] diga – em DRR e em OCA2008.

¹⁵ Citação dos dois versos finais da fábula “Le singe qui montre la lanterne magique”, de Jean-Pierre Claris de Florian (1755-1794), que transcrevemos e traduzimos a seguir: *Il n'avait oublié qu'un point: / C'était d'éclairer sa lanterne* (VII, v. 43-44): “Ele não tinha se esquecido senão de um ponto: / acender sua lanterna.” Não há correspondência textual exata entre a citação machadiana e os versos transcritos nesta nota; Machado pode ter citado o trecho de memória, ou ter-se utilizado de uma fonte textual que apresentasse lição divergente da que localizamos. A fábula – em que um macaco realizou uma grande apresentação aos bichos, mas se esqueceu de acender a lanterna para iluminar as demonstrações – representa aqueles que têm algo importante a dizer, mas não são compreendidos em razão de sua falta de clareza. (Cf. FLORIAN, 1874, p. 42)

¹⁶ adminículos] advinículos – em GN.

¹⁷ Custódio Bíblia foi como ficou conhecido o português Custódio José Gomes, que, segundo Raimundo Magalhães Júnior, em nota a *Diálogos e reflexões de um relojoeiro* (ASSIS, 1956, p. 23), morrera em

B. – Quem?

A. – Custódio Bíblia. Conheceu-o?

B. – Não. Conheci há muitos anos um padre protestante, que aqui andava pregando e a quem o *Apóstolo*¹⁸ chamava por desprezo *O Bíblia*, assim como se dissesse: – *o pinta-monos*.¹⁹

A. – Pois não é esse; é um Custódio José Gomes, que tinha aquela alcunha, morreu há tempos, deixando um testamento. Diz-se agora que o testamento é falso, e acrescenta um jornal que pessoas de conceito estão envolvidas no negócio.

B. – Diabo.

A. – Diga-me cá. Juntando todas essas cousas a outras cousas, não lhe parece que aqui há cousa?

B. – Há cousa e pessoas; mas, estando as pessoas no plural e a cousa no singular, chega-se à necessidade de uma divisão equitativa da cousa, porque em suma, é preciso brilhar, gozar...

A. – Mas um país riquíssimo?

B. – O Belisário²⁰ já provou que esta velha chapa não merece atenção de homem sério. Nem o país é riquíssimo, nem riqueza escondida vale grande cousa. Toda a

estado senil. Segundo o estudioso, houve demanda judicial envolvendo seu testamento, por suspeita de falsificação. Essa informação é facilmente comprovável por consulta a jornais da época. Machado de Assis abordou esse assunto em outras crônicas, como, por exemplo, a da “Gazeta de Holanda” de 7 de março de 1887, e as de “Bons Dias”, de 19 de julho de 1888 (*Gazeta de Notícias*, p. 2) e de 30 de março de 1889 (*Gazeta de Notícias*, p. 1). Raimundo Magalhães Júnior abordou o assunto também em sua obra *Machado de Assis desconhecido* (1957, p. 361-381).

¹⁸ Machado de Assis, nesta passagem, muito provavelmente, trocou um periódico católico, *O Apóstolo*, por outro, *Cruzeiro do Brasil*. Numa de suas crônicas da série “Ao acaso”, publicada no *Diário do Rio de Janeiro*, em 29 de novembro de 1864, ele já se referira a esse sujeito apelidado de Bíblia. Naquele tempo, os acontecimentos eram atuais, e, na mencionada crônica, a referência ao missionário protestante é relacionada a outro periódico católico, *Cruzeiro do Brasil* (Ver, por exemplo, *Cruzeiro do Brasil*, ano I, n. 9, p. 3, 27 nov. 1864 – que é o número citado por Machado na crônica mencionada). Nos jornais da época que consultamos, o missionário inglês é referido apenas como Dr. Kelly. Os periódicos *Cruzeiro do Brasil* e *O Apóstolo* eram ambos católicos, e muito semelhantes do ponto de vista da linha editorial. Explica-se, assim, a confusão dos periódicos – mais de vinte anos depois – na memória do cronista. O primeiro deles circulou nos anos de 1864 e 1865, o segundo começou a circular em 1866. A Hemeroteca Digital Brasileira possui, do *Cruzeiro do Brasil*, números de 1864 e 1865, e, de *O Apóstolo*, números de 1866 a 1901.

¹⁹ dissesse: – *o pinta-monos*.] dissesse: *o pinta-monos*. – em OCA2008.

²⁰ Não localizamos a passagem em que Belisário faz essas afirmações. Francisco Belisário Soares de Sousa (1839-1889) foi membro do Partido Conservador e ministro da Fazenda no gabinete presidido pelo barão de Cotegipe durante o período de 20 de agosto de 1885 a 10 de março de 1888. Era um personagem interessante e polêmico, como se vê da seguinte afirmativa sobre ele, feita por Ferreira de Araújo, na coluna “Cousas políticas” (*Gazeta de Notícias*, 6 set. 1886): “Conservador e fazendeiro, S. Ex. é escravocrata, em todo o mau sentido da palavra, mas, quando a sua razão fala sem peias, S. Ex. propõe

questão é ir buscá-la. A mais rica pérola do mundo, escondida aos olhos do homem, vale menos que este níquel de duzentos réis. Finalmente, li há pouco, agora mesmo, uma velha verdade da ciência moderna. Você crê na luta pela vida?²¹

A. – Como não crer, se é a verdade pura?

B. – Bem: na luta pela vida tem de vencer o mais forte ou o mais hábil. Você é forte?

A. – Sou um banana.

B. – Pois seja hábil. *Make money*; é o conselho de Cássio. *Mete dinheiro no bolso*.²²

JOÃO DAS REGRAS

Lista das abreviaturas empregadas nesta edição

DRR – *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*.

GN – *Gazeta de Notícias*.

OCA2008 – *Obra completa, em quatro volumes*, Nova Aguilar, 2008.

Referências²³

A ABOLIÇÃO no parlamento: 65 anos de luta (1823-1888). Apresentação do presidente José Sarney. 2. ed. Brasília: Senado Federal, Secretaria Especial de Editoração e Publicações, 2012. v. 2. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZLKPRb>>.

A BÍBLIA sagrada: o Velho e o Novo Testamento. Traduzida em Português segundo a Vulgata Latina por Antônio Pereira de Figueiredo. Lisboa: Tipografia Universal, 1867.

que se suprimam os impostos de exportação sobre os nossos produtos, para que possamos vender muito, e que se lance um imposto sobre o senhor, por cabeça de escravo, para que o senhor tenha interesse em livrar-se desse condenado ao trabalho perpétuo.”

²¹ É bom lembrar que, na época em que apareceram estas crônicas, Machado de Assis vinha publicando (começara em 15 de junho 1886) em folhetim, em *A Estação*, o romance *Quincas Borba*, em que a luta pela sobrevivência (“luta pela vida”) era ponto importante no sistema filosófico fictício, o Humanismo, desenvolvido pelo personagem que dá título ao romance.

²² Citação da passagem de *Otelo* (SHAKESPEARE, 1969, ato I, cena III) em que Iago sugere a Rodrigo “meter dinheiro no bolso”. Machado parece ter cometido algum equívoco; Cássio não está em cena.

²³ As referências, apresentadas ao final de cada crônica, contêm as obras consultadas na preparação da edição de todas elas.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 255, p. 1, 12 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2ZYMQYY>>.

ASSIS, Machado de. A + B. Rio de Janeiro, *Gazeta de Notícias*, ano XII, n. 259, p. 1, 16 set. 1886. Disponível em: <<https://bit.ly/2WhuO3m>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 264, p. 1, 22 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/EQq2h>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 271, p. 1, 28 set. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEI1E>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 277, p. 1, 4 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/CEI1E>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 287, p. 1, 14 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/PszNX>>.

ASSIS, Machado de. A + B. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, ano XII, n. 297, p. 3, 24 out. 1886. Disponível em: <<https://url.gratis/dUmIk>>.

ASSIS, Machado de. *Obra completa, em quatro volumes*. LEITE, Aloizio; CECILIO, Ana Lima; JAHN, Heloisa (Org.). 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008. 4 v.

ASSIS, Machado de. *Diálogos e reflexões de um relojoeiro*. Organização, prefácio e notas de R. Magalhães Júnior. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1956.

BRANDÃO, José Maurício. Ópera no Brasil: um panorama histórico. *Revista Música Hodie*, Goiânia, v. 12, n. 2, p. 31-47, 2012. Disponível em: <<https://url.gratis/besQw>>.

CASTAGNA, Paulo. A Imperial Academia de Música e Ópera Nacional (HMB – Apostila 10). In: *Apostilas do curso de História da Música Brasileira*. [São Paulo]: Instituto de Artes da UNESP, 2003. 15 v. Disponível em: <<https://bit.ly/2Cjx3wp>>.

CHALHOUB, Sidney. A arte de alinhar histórias. A série A + B de Machado de Assis. In: CHALHOUB, Sidney; NEVES, Margarida de Souza; PEREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. (Org.) *História em cousas miúdas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005. p. 67-85.

DIÁRIO da câmara dos senadores do Império do Brasil. Disponível em: <<https://url.gratis/8WkwR>>.

FLORIAN, Jean-Pierre Claris de. Le singe qui montre la lanterne magique. In: *Fables de Florian*. Limoges: E. Ardant, 1874.

GRIMAL, Pierre. *Dicionário da mitologia grega e romana*. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.

HORBACH, Carlos Bastide. O parlamentarismo no Império do Brasil: origens e funcionamento. *Revista de Informação Legislativa*, Brasília, v. 43, n. 172, p. 7-22, out.-dez. 2006. Disponível em: <<https://bit.ly/2OtPIHX>>.

HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

IZZO, Francesco. *Laughter between two revolutions: opera buffa in Italy, 1831-1848*. Rochester, NY: University of Rochester Press, 2013. p. 22. Disponível em: <<https://url.gratis/usejb>>.

JUCÁ FILHO, Cândido. *Dicionário escolar das dificuldades da língua portuguesa*. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC, 1968.

MAGALHÃES JÚNIOR, Raimundo. *Machado de Assis desconhecido*. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1957.

MALHERBE, François de. *Poésies de Malherbe*. Paris: Louvre, 1797.

MOLIÈRE. *Le médecin malgré lui*. (Université Paris 4 – Sorbonne) Disponível em: <<https://bit.ly/3ezYsY1>>.

MOURA, Monize Oliveira. As turnês de Sarah Bernhardt no Brasil (1886, 1893, 1905): contribuições para o estudo da presença teatral estrangeira no Brasil no final do século XIX. *Revista Sala Preta*, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 84-99, 2017. Disponível em: <<https://url.gratis/7zy2Q>>.

MOURA FILHO, Heitor Pinto de. Belo Horizonte, *Cadernos de História*, v. 11, n. 15, p. 9-34, 2º sem. 2010. Disponível em: <<https://bit.ly/3ibpmZa>>.

NABUCO, Joaquim. Sarah Bernhardt. *O Paiz*, Rio de Janeiro, p. 1, 27 maio 1886.

REGIMENTO interno da Câmara dos Deputados acompanhado do Regimento comum, Constituição política do Império, Ato adicional, Lei de interpretação, Lei da responsabilidade dos ministros e dos conselheiros de Estado. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1881. Disponível em: <<https://www2.senado.leg.br/bdsf/handle/id/227291>>.

RUFUS, Quintus Curtius. *De rebus gestis Alexandri Magni (Life and exploits of Alexander the Great)*. New York: Appleton Company, 1854. Disponível em: <<https://url.gratis/QAuTk>>.

SARAIVA, F. R. dos Santos. *Novíssimo dicionário latino-português*. 12. ed. Rio de Janeiro / Belo Horizonte: Livraria Garnier, 2006.

SHAKESPEARE, William. *Otelo*. 3. ed. rev. Trad. Onestaldo de Pennafort. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.

SOUSA, Eveline Almeida de. Henrique Beaurepaire Rohan e o espaço rural brasileiro no oitocentos. In: I SEMINÁRIO internacional Brasil no século XIX. Disponível em: <[https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline Almeida de Sousa.pdf](https://www.seo.org.br/images/Anais/Arthur2/Eveline%20Almeida%20de%20Sousa.pdf)>.

VOCABULÁRIO onomástico da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 1999.

VOCABULÁRIO ortográfico da língua portuguesa. 5. ed. Rio de Janeiro / São Paulo: Academia Brasileira de Letras / Global, 2009.
Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/busca-no-vocabulario>>.

WIKIPÉDIA: a enciclopédia livre. Disponível em: <<https://bit.ly/30oyZvB>>.